

Foucault, a história e a escrita dos infames

Foucault, history and writing of infamous

Rosenílson da Silva Santos*

Resumo: O texto que ora apresentamos é fruto das leituras prazerosas que temos desenvolvido sobre a vida e a obra de Michel Foucault através da literatura acadêmica, especialmente daquela que trata de suas visitas ao Brasil e obras que esse filósofo escreveu sobre a vida dos homens, sobretudo nos livros em que se concentra nas “vidas infames”. Nossa preocupação é investigar relações entre como Foucault viveu sua história, o que escreveu sobre História, como problematizou, enquanto pesquisador, histórias de vidas muito particulares, que resultaram em algumas de suas publicações. Para essas questões tentamos elaborar algumas respostas, provisórias, encadeadas na forma desse texto, largo em suas ambições e bastante limitado em suas realizações e, por isso, se constituindo como um primeiro esforço, portanto de fôlego curto, no sentido de pensar as relações a que se propõe.

Palavras-chave: Foucault; história; brasil; homens infames

*Possui Licenciatura Plena e Bacharelado em História, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil, instituição na qual também obteve o título de Mestre em História. Esteve como bolsista do Programa Santander Universidades, com intercâmbio na Universidade de Évora - UEVORA, Portugal. Têm trabalhos realizados, artigos e capítulos publicados na área de história, com ênfase em temas como: História Colonial e Imperial do Brasil; Cidade, fotografia e Territórios Marginais e história e gênero. É um dos Organizadores e autores dos Livros Seridó Potiguar: tempos, espaços, movimentos e Capitania do Rio Grande: histórias e colonização na América Portuguesa. Esteve como professor e orientador na Pós-Graduação Latu-Sensu em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira – UFRN e na Pós-Graduação Latu-Sensu em História Geral e do Brasil na Faculdade de Natal – FAL. Na graduação atuou nos Departamentos de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Tem experiência docente nas áreas de Teoria e Metodologia da Pesquisa em História, História da América e

História do Rio Grande do Norte Colonial e Imperial. Na Educação à Distância atuou como Tutor Presencial do Curso de Extensão Gênero e Diversidade na Escola. Esteve como Secretário Geral da ANPUH, Seção Rio Grande do Norte, durante a gestão 2014 - 2016, cargo para o qual foi reeleito na atual diretoria: 2016 - 2018. Atualmente é Parecerista ad-hoc da Revista Mneme - Revista de Humanidades e discente do doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília - PPGHIS-UNB. E-mail: rosenilson santos@yahoo.com.br

Abstract: The text presented here is the result of pleasurable readings that have developed on the life and work of Michel Foucault through academic literature, especially that which comes from his visits to Brasil and works that the philosopher wrote about the lives of men, especially in books that focuses on “infamous lives.” Our concern is to investigate relations between Foucault lived its history, who wrote about history as problematized as researcher, stories very private lives, which resulted in some of its publications. To these questions we try to prepare some answers, provisional, strung together in the form of this text, broad in its ambitions and quite limited in their achievements and, therefore, constituting as a first effort, so short of breath, to think the relationships it proposes.

Keywords: Foucault; history; brasil; infamous men

Paul-Michel Foucault nasceu em 1926 em uma pequena cidade no Sul da França. Filho de uma família de tradicionais e ricos médicos, que pretendia ter em Foucault a continuidade dessa profissão “quase familiar”, no entanto, Foucault não ingressaria em Medicina e por isso não corresponderia às expectativas de seu pai, que à época era cirurgião e professor de anatomia. Foucault acabou se avizinhandando da Filosofia, área essa em que primeiro se graduou, na Universidade de Sorbonne, tendo posteriormente obtido diploma em Psicopatologia.

Michel Foucault ingressaria na vida docente, se constituindo como um intelectual desses de inteligência cortante e língua afiada, conhecido pelo seu temperamento fechado, solitário, solidário, as vezes agressivo e quase sempre muito irônico. Em relato concedido a Margareth Rago, sobre seu contato com Foucault, o professor de filosofia da Unicamp, Luiz Orlandi, que fez a tradução simultânea *de suas falas na USP*, confirma essas impressões sobre o filósofo e afirma ter sido uma experiência inesquecível ter testemunhado o filósofo no Brasil, “pois Foucault dizia muitas coisas sem que seu rosto perdesse o ar de exuberante alegria e o humor de sua cortante inteligência”.

Seu jeito introspectivo o levou a situações limites, sua primeira, mas não a única, tentativa de suicídio ocorreu em 1948, dois anos antes de entrar para o Partido Comunista Francês, partido no qual permaneceu filiado apenas durante dois anos, rompendo com os comunistas da França por causa, especialmente, da

influência que o partido pretendia deter sobre a vida pessoal dos seus membros.

Sobre a relação entre marxismo e a obra de Foucault muito já se escreveu, especialmente destacando a influência em seu pensamento e obras do filósofo francês marxista e, também, seu professor, Althusser¹.

Foucault lecionou Psicologia e Filosofia em diversas universidades, na Alemanha, na Suécia, na Tunísia/África e nos Estados Unidos; viajou o mundo comunicando seu pensamento. Além das aulas, escrevia para jornais, participava de programas de rádio, trabalhou em hospitais psiquiátricos e prisões. Com apenas 28 anos publicou seu primeiro livro, era então 1954, embora tenha somente em 1961 se consolidado como filósofo (preferia ser chamado de arqueólogo) através da defesa de sua tese “História da Loucura”, em Sorbonne e a posterior publicação do trabalho em forma de livro.

Dentre os muitos países em que esteve, no continente americano, o Brasil foi um dos seus destinos frequentes. Ele esteve no Brasil em 1965², a convite seu aluno Gerard Lebrun, para uma conferência. Desde 1960 Lebrun dava aulas no Brasil como professor visitante-residente na cátedra de filosofia, mantida pelo governo francês, desde 1934, na Universidade de São Paulo - USP. Além dessa primeira visita, entre os anos de 65 e 76 ele ainda desembarcaria quatro vezes por aqui. No Brasil pronunciou reflexões e apresentou as importantes conferências sobre “A Verdade e as Formas Jurídicas”, na PUC do Rio de Janeiro, cidade essa que muito lhe agradava, “pela beleza, informalidade e pelo calor humano”³.

Em 1975 Foucault estava ministrando um curso na USP, quando se solidarizou, em discurso em uma assembleia, com os estudantes *uspianos* perseguidos pelo “nosso” Regime Militar e, nessa ocasião, interrompeu as atividades do mesmo curso, indispondo-se a ensinar em um país no qual se torturavam jornalistas. As notícias da suspensão do curso chegaram até à imprensa⁴, a Folha de São Paulo noticiaria em 23 de outubro de 1975:

Realizou-se ontem, ao meio-dia, assembleia dos alunos da USP, nas dependências da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em sinal de protesto contra a prisão, ocorrida nas últimas semanas, de estudantes, professores e jornalistas. (...) O professor Michel Foucault, psicólogo francês que está em São Paulo, convidado pela USP, para ministrar um curso na FFLCH, compareceu à assembleia dos alunos, ontem de manhã, e fez um pronunciamento de solidariedade aos estudantes.

Durante algum tempo o autor chegou a participar de uma rede internacional de intelectuais que acompanhavam o caráter repressivo da política ditatorial do Brasil. Mesmo tendo conhecimento de como se ampliavam as perseguições à intelectuais de ideias libertárias, como ele, em 1976 proferiu

palestras em Salvador, Recife e Belém, deslocando-se dessa vez mais para o Norte e o Nordeste, possivelmente, por já se sentir vigiado no Sudeste, o que fazia sentido. Em texto sobre essas viagens ao Norte e Nordeste do Brasil a professora Heliana Rodrigues nos informa que em sua última visita ao Brasil o áudio de suas falas, gravados em Belém, “desapareceram” e a lista dos inscritos em sua conferência foi requisitada por agentes infiltrados da Ditadura nas Universidades.

Mesmo tendo ficado surpreso com a fisionomia que a tortura assumia no Brasil, o que impressionou mesmo o filósofo foi a vivacidade dos estudantes brasileiros, *segundo ele*, ‘famintos por aprender’, curiosos e inteligentes, o que fazia “as discussões no Brasil prosseguirem nas festas, nos almoços, na praia”.

No total o filósofo esteve cinco vezes no Brasil: 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976⁶, nessas ocasiões diferem as condições de convite: conferências, cursos, coletivas. Fez, por ocasião dessas visitas importantes amigos, como o filósofo Roberto Machado, principal tradutor de seus trabalhos para o nosso português e divulgador de sua obra no Brasil, também seu acompanhante/guia nas viagens ao Nordeste, quando fez conferência em Salvador e Recife em sua última vinda ao país.

Apesar da presença nos trópicos, dos elogios aos alunos brasileiros e de sua rápida crítica ao Regime civil-militar em vigor, no Brasil, que discutia avidamente Freud e Marx, Foucault foi ouvido, em algumas sessões, com certo desconforto: em 1973, no Rio de Janeiro - PUC, onde era traduzido por seu principal intérprete naquela universidade, Silviano Santiago, a plateia chegou a acusá-lo de ingenuidade. Também causou ruído no Departamento de Filosofia da USP, pela força que a interpretação marxista ali tinha à época. Entre filósofos de outros departamentos brasileiros, segundo Ney Vieira⁷, sua recepção não causou tanta histeria, porém teve melhor audição nos meios ligados à Psicologia, Psicanálise, Linguística e Artes.

Suas palestras enchiam os auditórios e ele, segundo seus estudiosos, tinha uma simpatia especial pelo Brasil, pois, muito avesso a formalidade francesa, se sentia aqui muito à vontade. Detalhe importante de sua conexão com o Brasil é a sua ligação com um certo mulato, relativamente bonito, enfermeiro e morador em um edifício pobre do centro da cidade do Rio de Janeiro, este personagem fez daquela parte, uma de suas favoritas, área esta sempre visitada quando o francês estava pelo Rio.

Após 1976 Michel Foucault não voltou mais ao Brasil, embora convites não lhe faltassem, mas o filósofo já havia encontrado o reconhecimento nos EUA e, mais que isso, encontrou San Francisco, talvez mais atraente, naquela época, que o Rio. Heliana de Barros Conde Rodrigues, em suas pesquisas sobre suas visitas e ressonâncias no Brasil, aponta que, talvez, o fato do filósofo não mais retornar ao país tenha a ver com a percepção que ele tinha, já há algum tempo, de que seus passos eram vigiados pelos informantes da Ditadura⁸.

Este sumário da vida de Foucault, antes de falar sobre a sua obra, talvez o fizesse rir, assim como riria daqueles que se dizem foucaultianos, exatamente por que ele evitou, enquanto pôde, ser classificado como uma coisa ou realidade apenas. Talvez risse por que questionava os lugares de fala e o lugar da autoria.

Mas resolvi trair a sua memória, para que saibamos que esse nome, Michel Foucault foi um homem, viveu, viajou, foi reprovado na Escola Normal francesa, na segunda tentativa foi aprovado, amou o e amou no Brasil. Morreu em 1984, aos 57 anos, vítima de Sepsemia, hoje chamada pelos médicos de SEPSE, um termo da língua inglesa que nomeia um quadro de infecção generalizada dos órgãos vitais que, em organismos debilitados pelo vírus da AIDS, normalmente provoca a morte.

Foucault, a História e a história dos homens infames

Nos anos 1960 do século XX, na mesma década em que fazia sua primeira incursão ao Brasil, o filósofo denunciava a impossibilidade de uma história global e afirmava que tal aspiração era irrealizável e, como resultado de sua ousadia, encarou fisionomias pouco sorridentes de alguns historiadores, esperançosos de alcançar o mundo em seus aspectos totais. “Tal confusão foi alimentada ao se pensar que Foucault estaria querendo retirar os excluídos, os vencidos, de sua mudez. Na verdade, não era exatamente essa a proposta[...] mas sim a de mostrar como é que se produz o silêncio dos vencidos”⁹.

A História enquanto ciência, mesmo já tendo sido revolvida pelas mudanças que os *Annales* inauguraram e aprofundaram, desde finais dos anos 1920, hesitou em dar audiência às críticas de Michel Foucault, talvez por que, e especialmente, as observações que lhe atingiam e maculava não eram gestadas por um ente familiar, alguém com formação específica na área, o atrito era provocado de alguém exterior à ciência de Clio. Isso se tornava mais traumático pois Foucault não demonstrava ter muito interesse em se avisinhar, em contrair matrimônio com a História. Por esse motivo “Foucault sempre foi visto com um invasor do campo, como alguém que quis acabar com a história, mesmo que tenha dedicado toda a vida a fazê-la, e tenha se mostrado um praticante criativo de nosso metier, estimulando uma ampla produção na área¹⁰”.

Para Heliana Conde, que vem desenvolvendo a pesquisa intitulada “Michel Foucault no Brasil – Presença, Efeitos e Ressonâncias”, Foucault era ao mesmo tempo historiador e filósofo e, apesar dessa relativa distância que pretendia manter, tinha especial afeição pelos historiadores dos *Annales*, em especial por Jacques Le Goff, pela sua vontade de construir uma “história nova” e sua preocupação com a “história da história”.

Heliana Conde sublinha que nos anos 1960 Foucault esteve conversando com Jacques Le Goff sobre o tema História da Dor e ao historiador informava que se agradava da narrativa de Emmanuel Leroy Ladurie, Fernand Braudel e pela dele, do próprio Le Goff. Este último chegou a afirmar que, provavelmente,

o período em que o filósofo esteve mais interessado pelos historiadores da Nova História tenha sido compreendido entre 1965 e 1973 – 74¹¹, que coincide com o tempo em que ele visitou o Brasil. No entanto a professora chama atenção para o fato de que, mesmo nutrindo um certo apreço pela escrita e a forma de fazer história de alguns dos membros dos *Annales*, é importante destacar que ele guardou distância dos movimentos históricos.

Michele Foucault também foi leitor do mestre da segunda geração, Fernand Braudel e lhe prendia a atenção as descontinuidades históricas verificadas pelo historiador *d'O Mediterrâneo* na história do espaço que elaborou. No sentido inverso, Foucault também foi lido por aquele historiador francês, que em nota publicada no *Annales* no ano de 1962 elogiaria “História da Loucura” como o faria, posteriormente, com “As palavras e as Coisas”¹². Apesar de não serem amigos o reconhecimento entre os dois foi mútuo.

Já das obras da chamada terceira geração dos *Annales* Michel Foucault também se tornou leitor, afinal, sobre aquelas histórias do corpo, do sexo, da morte, do medo, dos sentimentos ele, as vezes indiretamente, também escrevia e, no ano de 1973, conversando no carro de Jacques Le Goff, voltava a elogiar o modo como este vinha pensando a história, mas lhe desagradava, em especial, a noção de mentalidades. Nesse sentido, Peter Burke afirma:

No desenvolvimento intelectual de Foucault, por exemplo, a “nova história” francesa desempenhou um papel significativo. Foucault caminhou em linhas paralelas às da terceira geração dos *Annales*. Da mesma maneira que ela, estava preocupado em ampliar os temas da história. Ele tinha algo a ensinar-lhes (...) mas havia o que deles aprender também. O débito que Foucault em relação aos *Annales* (...) é mais substancial do que ele próprio jamais admitiu¹³.

Foucault, na relação com o diversas áreas do saber, tendo reconhecido ou não isso, abriu caminhos, do ponto de vista teórico, metodológico e de perspectiva, que na atualidade são seguidos com mais fluidez que antes. Seus estudos e suas obras farejaram a raridade, o único, o particular, o elemento fora de sintonia. A *música* não lhe interessava *a priori*, o que lhe seduzia era a coreografia irreverente, aquilo que não obedecia a melodia, mas seguia por uma rota fora de órbita em sua prática.

Sua arqueologia não busca uma instância misteriosa, um subsolo da história. Seu exercício é de percepção dos extratos, dos artifícios, do que acumula e se sedimenta, do *humos* em compactação, da prática humana que naturaliza os próprios dados humanos. Foucault coloca a olhos nus a possibilidade que o homem tem de se negar, de atribuir outros produtores para as suas artes, de naturalizar o que é da ordem humana, ele evidencia as camadas de sentido criadas pela sociedade, o que fazem as pessoas e sua capacidade de

não acreditarem que a realidade pode ser diferente, pois ignoram a sua própria vontade de poder.

Para Paul Veyne¹⁴, Foucault não deslinda uma instância chamada *prática*, e nem fala de coisas díspares das quais fala o historiador, mas diz de contornos espinhosos, fala das coisas mesmas, arrancando-lhes as roupas; toca o *iceberg*, não a ponta, tateia o que está submerso, suas pudicas partes, aquelas que foram escondidas por alguma ação. Ele quer por a nú aquilo que o tempo compactou em camadas.

A peça que Foucault escava e narra, tanto em a “História da Loucura” como em “A vida dos Homens Infames” não acontece nos salões da corte, acontece longe do veludo purpúreo dos tronos. São histórias de vidas cinérias, existências ordinárias e marginais. É um teatro encenado ali, onde os olhos do rei podem não está vendo, mas que não deixa de ser mapeado pelo poder, e por um poder que escapa-lhe as mãos, que é puerizado, espargido por todos os lugares, pelos espaços fulgentes e pelos recantos lúgubres e empoeirados. Um poder que, para Foucault, está disseminado em todas as relações sociais, entre Davis e Golias, entre patrícios e plebeus, um poder em múltiplo direções, de coerção, de submissão, de resitência às fronteiras, que estorva os anseios humanos. O poder, portanto, não existe enquanto algo unitário e essencial, como algo global, não é um objeto a ser possuído por uma classe, ele é uma prática/relação social, que não pode ser possuído, mas exercido. Ainda chama atenção no pensamento de Foucault sobre o poder é o fato de que ele não propõe uma teoria geral do poder, por uma questão demais óbvia: se o poder não é uma realidade, que não possui uma natureza e bem essência universal, como elaborar uma teoria sobre ele?

O francês ensinou aos historiadores que não existia algo global que pudesse receber o nome de poder, mas práticas que eram constituídas na história¹⁵, neste sentido ele desconstrói uma relação viciante entre os historiadores, a do Estado e do Poder, inclusive desalinhando a relação sinônima entre estes dois termos e desestruturando o Estado como esfera por excelência do exercício do poder. Há na leitura foucaultiana, portanto, exercícios de poder que até podem ser articularem com o Estado, mas são diferentes dele e podem ser exercidos em níveis variados do social.

Nessa ótica seus estudos se voltam para histórias e sujeitos que ocupam as extremidades e as malhas dos micro-poderes, naqueles exercícios que são plasmados nas tecituras dos poderes periféricos e moleculares¹⁶ e que se configuram em especialidades que escapam, em algumas circunstâncias ou até então, aos olhos do Estado.

Por fazer uma história interrompida, estilhaçada pelas práticas, pelos cortes é que Michel Foucault dizia não fazer o trabalho de historiador, pesquisava personagens transgressores das normas sociais pré-anunciadas e assim também contundia os ideias de uma ciência da racionalidade. O trabalho

do “filósofo” bradou a necessidade de uma história vestida com “outros modelitos”, diferentes dos propostos pelos “nossos velhos estilistas”¹⁷.

Na medida em que Foucault dizia não estar fazendo o trabalho de um historiador, fazia uma crítica ao modo como se tecia a história, ou a maneira como se acreditava fazê-la, livre da subjetividade e das emoções indicadas à poesia e a literatura. Afirmou Foucault em um de seus textos: “Isto não é uma obra de historiador. O acervo que aqui encontramos não obedeceu à regra mais importante que o meu gosto, o meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou outro sentimento qualquer [...]”¹⁸.

A História, que havia sido escrita pela escola metódica pretendia-se insípida, desprazerosa, livre de emoções e distante de qualquer tipo de humor: sem vida, inscrita nos critérios de objetividade e racionalidade cartesianos. Contra esse modelo o filósofo francês se posicionou. Com ênfase Foucault dirigia palavras a um público cada vez mais consciente de que uma História escrita friamente, sem sentimento e regulada por critérios congêneres a esses, mantendo-se distante do calor humano e dos sentidos, era algo impraticável.

Seguindo esta premissas, e debruçando-se em documentos dos anos de 1660 a 1760, Michel Foucault cria o conceito de *homens infames*, ao procurar e identificar vestígios de vida como as que antes se disse: vidas secundárias, errantes, silenciadas. Capturou nestes documentos histórias de vergonhas proibidas, de segredos acidentalmente revelados e de indivíduos de condutas variáveis. O filósofo encontrou vidas abreviadas, que foram ditas em poucas frases, mesmo em “rápidas palavras”. Mapeou, através desta documentação, existências escondidas que sobreviveram puramente no verbal. Tratam-se de histórias resumidas por que não podiam servir de exemplo, são narrativas sobre “homens desabridos”, monges escandalosos, mulheres espancadas, bêbados inveterados e furiosos, mercadores dados a contendas e outros tantos que, por terem beirado o poder, foram seletos de sua dominação, de sua ação.

Foucault, nesta pesquisa que dá origem “A História dos Homens Infames”¹⁹, procurava por histórias de beleza e assombro, “que se tratassem de existências reais; que lhes pudesse dar um lugar e uma data [...] [que em tais relatos sobrevivessem] histórias minúsculas, daquelas existências, da sua infelicidade, da sua raiva ou de sua duvidosa loucura²⁰”.

Mas um dos personagens mais marcantes de suas obras não aparece no livro “O que é o Autor”, mas em outra publicação, trata-se de Herculine Barbin. “Herculine foi criada como uma moça pobre e digna de mérito²¹” na segunda metade do século XIX na França, em um meio feminino e profundamente religioso, viveu em conventos, escolas internas e neste mesmo tipo de instituição foi professora. Era profundamente inteligente, ávida por leituras, motivo pelo qual foi superando a pobreza que herdara de seu arranjo familiar, arranjo esse marcado pela precoce orfandade paterna.

Sua saúde foi normalmente debilitada, segundo suas memórias, as vezes

sentia dores tão fortes que nem mesmo gemer era lhe possível, motivo que lhe fez visitante constante das enfermarias onde viveu. A coisa mais forte em Herculine Barbin era a sua capacidade de amar, tendo em certa ocasião escrito que tinha: “Nasci[do] para amar²²”, pois sua entrega aos amores era direta, profunda e sincera, se doava em sua totalidade aos alvos de seus sentimentos.

Sua estética não era das mais privilegiadas, sua cor era de um pálido que chamava a atenção de todos, muito magra, um colo pouco farto e do seu rosto brotavam pêlos que teimavam em aí permanecer, mesmo depois do esforço de Herculine depilá-los usando uma tesoura como lâmina, segundo ela, essa sua atitude só serviu para deixá-los mais aparente. No período em que as mulheres vão ficando graciosas, as expressões faciais de Herculine eram duras, seu andar e suas formas não eram harmoniosas, as curvas que surgiriam na idade púbere não apareceram e a penugem sobre os seus lábios foi se tornando mais densa.

Esse seu jeito estranho de ser e a consciência dessa diferença a faziam, mesmo nos verões mais rigorosos, esconder seu corpo, suas vestes, seus calçados, seus acessórios tinham funções a mais do que simplesmente vestir e calçar, eram usados para camuflar traços de uma estética diferenciada: pêlos onde não devia havê-los, ângulos retos onde seria natural terem emergido suaves curvas e uma orsatura desarmoniosa, que se fazia notar pela pressão que exercia de dentro para fora naquela pele amarelecida.

Mesmo vivendo naquele corpo diferente, Herculine viveu em um tempo em que as mulheres podiam se tocar. Entre as religiosas os afagos, abraços e apertos eram comuns, especialmente entre as mais próximas. Em seu diário ela narra as muitas vezes, nas noites de verão, em que dormiam na mesma cama, com seus corpos separados apenas por um tecido quase translúcido de tão fino, ela e suas companheiras, nas casas religiosas onde foi aluna interna. Nestas situações, muitas vezes teve sua cabeça sobre seios pouco cobertos, ou mesmo descobertos e nestes mesmos seios pousava carícias e deixava cair beijos quentes. As mais companheiras faziam passeios pelos bosques de mãos dadas, se derrubavam, brincavam, sorriam e se amavam. Estamos falando de relações lésbicas ou de lesbianidades? NÃO!

Não pelo fato de que essas relações não eram encaradas desta forma, Herculine Barbin não podia ser dita lésbica, pois assim não era vista e nem se via. Não existia à época a exigência de que o sexo deveria estar claro.

Ao publicar o livro sobre a vida de Herculine Barbin em 1978 Foucault queria tratar, exatamente, do momento na história do ocidente em que a verdade sobre o sexo particular precisava ser dita, esclarecida e, em algumas situações, (com)provada cientificamente. Não estava mais a cargo do sujeito a livre escolha de como vivia, mas a cargo de novas instituições, como a medicina e a jurisprudência, estas teriam a importante função social de revelar a sexualidade para os sujeitos, de produzir uma verdade supostamente objetiva sobre aqueles que fossem examinados.

Herculine era hermafrodita, ou seja, apresentava elementos físicos dos corpos de homens e mulheres, nesse corpo andrógino fora educada como menina e, ao longo da vida, manifestou desejos afetivos por mulheres. Ela não tinha uma identidade específica e dela isso foi exigido pelos novos conhecimentos, para se alcançar a verdade sobre Herculine o prisma de observação foi o seu sexo, pois é nesse contexto que o ele, o sexo, se torna o espelho da verdade sobre as pessoas, o corpo passa a ser entendido como o locus onde a um conhecimento absoluto sobre as pessoas pode ser identificado.

Barbin foi estudada e submetida a testes e exames. Quando “descoberta” a sua condição física ela foi obrigada a escolher seu verdadeiro sexo e, pelas evidências físicas, se tornou Abel Barbin, ao 25 anos, um jovem homem encontrado, por meio de uma escavação, na vida de uma mulher.

Barbin, enquanto alguém que sempre se interessou pelas letras escreveu um diário, no século XX encontrado por Foucault, que o transcreveu e publicou, acompanhado pelos diagnósticos dos homens de saber que a examinaram. As memórias de Barbin, escritas no diário, revelam a infelicidade a que foi submetida para que a verdade do seu “eu” fosse desvelada, também da felicidade em que vivia nos tempos da não-identidade. No mesmo período em que Ela se torna Ele, além de homem, Herculine se tornou suicida. Foucault também tentaria, em mais de uma ocasião, encontrar ou se entregar ao mesmo fim de sua personagem, mas, ao contrário dela, não conseguiu.

Herculine Barbin, segundo Márcio Ferrari, viveu e sofreu as consequências da sociedade liberal, que é fundada a partir do XVIII e XIX, que passa a se pensar a partir do padrão, lançando luzes que descobririam a liberdade, mas que também criariam as disciplinas²³ em atitudes de vigilância e adestramento do corpo e da mente dos sujeitos históricos.

Essa sociedade liberal, ao criar a necessidade dos sujeitos, a partir do seu sexo, se revelarem, elaborou a necessidade de uma verdade fixa, criou também formas de cárcere individual, modos de se descobrir pela curiosidade e pela intenção dos outros, bem como de se aprisionar pela liberdade dos outros. Como último gesto de sua liberdade, ameaçada na invasão e degradação de intimidade, Herculine escolheu a morte física, vez que socialmente ela foi sendo morta pouco a pouco, todas as vezes que se desnudava e deixava aos homens da ciência à visão de sua diferença física. Quando morreu fisicamente Ela já havia sido sepultada, pois obrigada a ser alguém que não era ela mesma.

O filósofo e os outros infames

Barbin hoje sensibiliza, especialmente por que sua infâmia não foi motivada por nenhum ato criminoso, poderíamos dizer que ela foi vítima do contexto, dos saberes e circunstâncias históricas em que viveu. Nesse sentido ela se diferencia de outro “personagem infame” sobre o qual Foucault se

deteve: Pierre Rivière.

Em “Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão”, obra publicada por Foucault, é apresentado o resultado de um trabalho coletivo desenvolvido por dez estudantes do *Collège de France*, coordenados pelo filósofo. O livro guarda semelhanças em relação ao Diário de Herculine Barbin, na medida em que o leitor tem acesso muito mais a um conjunto de documentos cuidadosamente reunidos por Foucault e sobre o qual ele não se posiciona, pois os apresenta de forma crua, sem análises ou interpretações.

Jean Pierre Rivière foi um francês que, aos vinte e um anos, em 1835, atingiu o corpo de várias de seus familiares, matou a golpe de foice a mãe, grávida de seis/sete meses, sua irmã de 18 anos e o irmão mais novo, que tinha seis/sete anos. As mortes foram perpetuadas por um jovem camponês, considerado ativista cristão e que justifica seus bárbaros atos por uma perspectiva solidária, a de livrar seu pai do sofrimento imputado pela sua mãe.

A mãe de Rivière, na condições de esposa, imputava sofrimento ao seu pai e sua irmã, que normalmente era cúmplice da mãe, o que justifica o homicídio das duas. O crime, portanto, teria sido posto em prática para livrar o pai do sofrimento, o que se completaria com a morte do irmão mais novo, a quem Rivière muito amava, mas a morte do mesmo se fazia necessária para não restar qualquer elemento que vinculasse seu pai ao sofrimento que lhe era possibilitado pela esposa. Nas explicações de Rivière alguns verão beleza, que demonstrava sua razão e justificativa para condená-lo a morte, outros verão um sinal de loucura, daí o motivo para encerrá-lo por toda a vida. Inicialmente ele foi condenado à morte como parricida e fratricida, posteriormente fora perdoado e sua pena convertida em prisão perpétua²⁴.

O castigo a que Rivière foi submetido, a prisão, aparentemente, difere da liberdade a fora dada a Abel Barbin, o primeiro posto em reclusão pelo perigo que representava para a sociedade, o segundo posto em liberdade para que a sociedade lhe pudesse reconhecer.

A documentação acerca do caso Rivière pareceu a Foucault e seus alunos ser única, não pelo crime contra sua genitora em si, já que “os casos de parricídio eram relativamente numerosos nos tribunais de júri da época (dez a quize por ano, às vezes mais)²⁵”, mas pelos muitos discurso que aí aparecem em um diálogo de força, ou melhor, em um teatro de disputas pela verdade sobre o camponês que matara quase toda a sua família. O caso, a princípio, chamou a atenção das autoridade médicas e judiciais, mas rapidamente se gestou silêncio sobre o parricídio. O filósofo questiona-se na apresentação do texto: o que há aí de tão forte que produz esse silêncio imediato após o burburinho? A questão é interessante e se conecta com uma preocupação recorrente na obra de Foucault: como o silêncio é produzido? No entanto não teria sido essa somente a causa do trabalho de rastreamento da documentação e posterior publicação.

Durante mais um ano Foucault e seus alunos estiveram trabalhando

com os documentos que tratavam de Rivière, estupefatos e encantados com a beleza dos manuscritos. Vale salientar que esse é o mesmo argumento que ele usa para a transcrição e publicação do texto sobre os “homens infames” e, mais uma vez, chama a atenção para o que ele pretendia no trabalho com a documentação histórica, quebrar a suposta frieza que deveria haver entre pesquisador, suas fontes e seu objeto.

Fica evidente que um critério considerado por Foucault para se lançar aos documentos era a “beleza” dos textos, beleza nesse caso pensada como força e evidência dos relatos que expunham, sem muita cautela, especialmente quando aglutinados, o nascimento dos saberes, seus intercusos, hierarquias e encontros. Sobre os crimes cometidos por Rivière é possível identificar muitas falas, as do juiz de paz, procurador, presidente do tribunal de juri, ministro da justiça, do médico da província e de Esquirol, dos aldeões da comuna, inclusive o seu prefeito e do cura, mas também do próprio Rivière. É um conjunto documental do qual “evaporam” discursos provenientes de muitos saberes, por vezes em sintonia ou não uns com os outros.

Associados as peças judiciais a equipe coordenada por Foucault procurou também aquilo publicado na imprensa e o memorial Rivière. Tudo escrito por e sobre, impresso ou manuscrito, o parricida e fraticida francês. A organização da documentação não foi tipológica, mas cronológica, ou seja, havia uma preocupação em historicizar o caso e até nesse tipo de organização o memorial do suposto criminoso/louco ocupa o lugar central.

Assim como em relação a Barbin, Foucault afirma que não fará nenhum tipo de interpretação sobre o caso Rivière, nenhum comentário de caráter psiquiátrico ou psicanalítico, “por não ser possível falar dele sem retomá-lo num desses discursos²⁶”, o médico, o judiciário, o psicológico ou o criminológico, ou seja, Foucault aponta, ao não se manifestar analiticamente sobre os crimes, que os relatos sobre o parricídio em debate se tornaram reféns dos discursos anteriormente agenciados sobre o mesmo, há portanto, maneiras já presumidas de se referir a Rivière e seus crimes.

Tanto na documentação que identificou e que trata de Barbin, como naquela sobre Rivière, Foucault identificou e deu fala aos sujeitos adormecidos nos arquivos, nem sempre a partir de suas próprias vozes/ escritos, mas dos registros realizados por terceiros e, por isso mesmo, muitas vezes falas desfiguradas, para desfigurar de quem se fala. Em ambos os casos, o da hermafrodita e do parricida, foi possível recuperar, além das falas das autoridades da ciência, aquelas que diagnosticaram suas diferenças, também as vozes do sujeitos dos quais tratavam os relatos jurídicos e médicos, através do diário e do memorial que escreveram, respectivamente Barbin e Rivière.

Segundo Daniel Pereira Andrade,

Herculine é uma alteridade extrema, jamais poderá servir de

exemplo. De sua vida, resta apenas o eco de sua condenação. Seu diário é uma confissão. Essa forma de controle foi criada nos anos 1400 no universo pastoral cristão europeu ocidental. Mas o Estado Moderno se utilizou da confissão²⁷.

Nas palavras do autor supracitado, a confissão requer a presença de um interlocutor, que normalmente é quem impõe, avalia, também quem intervém para jogar, punir, perdoar aquele que confessa. Por tudo isso a confissão é uma das formas de controle mais mesquinhas já criadas, por que estabelece uma forma de revelação da verdade e quem pune é quem elaborou os mecanismos de acesso a mesma.

A confissão supõe a elaboração da própria culpa por meio da inserção, no discurso, de uma narrativa sobre o “erro que eu mesmo fui capaz de praticar contra mim” e remete ao modo de lançar “luz” sobre a escuridão antes do nascimento da Idade Moderna. Quando no século XVI/XVII somente a confissão se mostrou incapaz de revelar a verdade sobre os sujeitos, se criou as casas de internação, se inventou o hospital para loucos e se solidificou a concepção de que a anormalidade deveria ser encarcerada/internada, nesse sentido, “A não-razão do século XVI constituía uma espécie de ameaça aberta cujos perigos podiam sempre, pelo menos de direito, comprometer as relações da subjetividade e da verdade²⁸”. As ciências fazem parte desse conjunto de saberes que foram criados para acessar a verdade, agora os homens se tornariam capazes de descobrir mesmo quando na confissão nada fosse dito, Herculine teria sido descoberta enquanto homem mesmo que nenhuma palavra tivesse sido dita por ela.

Sinais de conclusão

Esse texto é ambicioso em suas pretensões, a visão de um conjunto empreendida encontra sua condição de impossibilidade, talvez, pelas próprias heterogeneidade que tenta convocar ao universo da narrativa. No entanto, se narramos histórias que parecem se encontrar em níveis diferentes é por que o seu fio condutor, o autor Michel Foucault, foi uma figura polissêmica. Aquele sujeito delgado e elegante, de calvície lustrosa e de mangas pretas avistado nas areias da praia de Boa Viagem, em Recife, ou nos auditórios de importantes espaços de saber no Brasil, retratado pela imprensa de circulação e, também, por aquela marginal, por ser opor ao estado ditatorial em que o Brasil se encontrava durante o período em que recebeu Michel Foucault, remexeu o ambiente acadêmico do Brasil, em alguma medida, no próprio prazo das visitas, mas também a longo prazo.

O pensamento sobre o poder e as formas que assumia em sociedade, como uma formação reticular, encontrava no Brasil uma forma de se plasmar nas condições políticas de então e o fato dele, um intelectual já reconhecido

internacionalmente, ser observado pelos informantes da Ditadura nos mostra como o poder, de forma capilar, estava dissolvido na sociedade, a Ditadura não era algo só do Estado, ela cruzava o dia-a-dia das pessoas e, como o oxigênio que elas respiravam, mesmo que de modo invisível, era algo de se sentir na pele.

Mas Foucault não deixou de fugir às malhas do poder, as pesquisas que se avolumam sobre suas estadas no Brasil revelam cenas “não acadêmicas”, de suas visitas a Lapa, as cores da sunga usada por ele nas areias do Leme no Rio de Janeiro e seu riso, acompanhado de Paulete, pelas ruas de Salvador. O Brasil não foi só interdição para ele, pois aqui também se divertiu.

Do mesmo modo, suas pesquisas sobre os infames revelam a vida de sujeitos que foram alvo dos poderes produzidos pelos saberes, saberes que, ao se proporem revelar a verdade sobre aquilo que investigavam, conduziram sujeitos a exporem de forma, que em muitos casos, não previam ou não desejavam.

Foucault em alguma medida se assemelhava aos homens infames que estudou ou sobre os quais se informou: seu vínculo com a dominação e a vigilância e o modo como criaram subterfúgios para viverem. Há, portanto, uma face de paralelismo em suas vidas, como já apontara Daniel Pereira Andrade em texto já referenciado.

NOTAS

1 Sobre a relação “marxismo, Althusser e Foucault” ver: GARCIA, Agnaldo; SOUZA, Eloisio Moulin de. Um diálogo entre Foucault e o Marxismo: caminhos e descaminhos. In: *Revista Aulas*. N. 3, dez 2006/mar 2007. (Dossiê Foucault - Organização: Margareth Rago & Adilton L. Martins).

2 Segundo o professor Ney Vieira, na verdade a primeira vez teria sido “por volta de 1966”. Ver: VIEIRA, Ney. A dupla vinda de Foucault ao Brasil. In: *Itinerários*. Araraquara, n° 9, 1996. p. 81.

3 “Foucault na USP”. In: *Revista Cult*. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/07/foucault-na-usp/>. Acesso em abril de 2013.

4 RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil – esboços de história do presente. In: *Verve*, 19: p. 101. Ver também: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Um Foucault desconhecido? Viagem ao Norte-Nordeste brasileiro em tempos (ainda) sombrios. Disponível em: http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340353457_ARQUIVO_UmFoucaultdesconhecido.pdf

5 CARIELLO, Rafael. As viagens de Foucault ao Brasil. In: *Folha de São Paulo*. 2011. RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil – esboços de história do presente. In: *Verve*. 2011. p. 103.

6 RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Michel Foucault no Brasil – esboços de história do presente. In: *Verve*. 2011. p. 93.

7 VIEIRA, Ney. A dupla vinda de Foucault ao Brasil. In: *Itinerários*. 1996. p. 82.

8 Em texto já referenciado nesse artigo a autora utiliza com fontes algumas entrevistas, biografias, depoimentos sobre as vindas de Foucault ao Brasil e documentos do “Regime”

do acervo da Biblioteca Nacional do Brasil, que apontam que o francês já vinha sendo “acompanhado” por informantes da Ditadura já há algum tempo, mesmo antes de suas falas pró-estudantes em 1975 na USP.

9 FISCHER, Beatriz T. Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. In: ABRAHÃO, Maria Menna Barreto. (Org.). *A Aventura (Auto)Biográfica: Teoria & Empiria*. 2004. p. 143.

10 ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. A História em jogo: a atuação de Michel Foucault na historiografia. 2007. p. 16.

11 LE GOFF, Jacques. “Foucault e a Nova História”. In: *Plural*. 2003. p. 198.

12 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Às margens d’O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; SOUZA FILHO, Alípio de; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Cartografias de Foucault*. 2008. p. 93.

13 BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. 1997. p. 117 - 118.

14 VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 1998. p. 251.

15 São interessantes as observações de Roberto Machado sobre esta questão. Conforme: MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Paul-Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1989.

16 Idem, 1980, p. XII.

17 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A moda que incomoda: as novas tendências teóricas na historiografia brasileira. 1989. p. 07.

18 FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 1994. p. 89.

19 “A Vida dos Homens Infames” trata-se de um dos textos que compõem o livro *O que é um autor?*

20 FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 1994. p. 94.

21 FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin – o diário de um hermafrodita*. 1982. p. 5.

22 Idem. 1982. p. 33. Grifos nossos.

23 Márcio Ferrari - <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/michel-foucault-307907.shtml>

24 FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ... um caso de parricídio do século XIX*. 1977, p. 180.

25 Idem. 1977, p. X.

26 FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão ... um caso de parricídio do século XIX*. 1977, p. XIV.

27 ANDRADE, Daniel Pereira. Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin. In: *Tempo Social*. 2007.

28 FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. 2004. p. 47.

Artigo recebido em abril de 2016. Aceito em julho de 2016.